

A MÚSICA COMO PONTE ENTRE COMUNICAÇÃO VERBAL E NÃO VERBAL EM CONTEXTOS INCLUSIVOS

MUSIC AS A BRIDGE BETWEEN VERBAL AND NONVERBAL COMMUNICATION IN INCLUSIVE CONTEXTS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-040>

Ana Karolina Santos Lorêto
 Graduanda em Licenciatura em Música
 Universidade Federal do Cariri – UFCA
 E-mail: anakarolinaloreto@gmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9835815792069132>

Francisco Renato Silva Ferreira
 Mestre em Ensino em Saúde
 Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
 E-mail: norf20@hotmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

Maria Deuzani da Silva Lacerda
 Mestra em Educação
 Secretaria de Estado de Educação do Ceará – SEDUC
 E-mail: deuzanir30@hotmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9300095603666616>

Aldenir Raimundo dos Santos
 Especialista em Gestão Escolar
 Centro Universitário Faveni - UNIFAVENI
 E-mail: aldenir.pele@gmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9006022942018667>

Luzia Pereira Eustáquio
 Especialista em Administração do Ambiente Escola
 Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI
 E-mail: eustaquioluzia.78@gmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5682980364363146>
 ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2756-0911>

Janaina Maria Tavares Leite Guedes
 Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional
 Faculdade de Juazeiro do Norte - FJN
 E-mail: jana.eite18@gmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9338126395055395>



Cilianne Édila Leandro de Sousa

Mestranda em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

E-mail: dra.ciliannenefro@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7421301624388108>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6465-5524>

Adailda Severo da Silva

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica

Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI.

E-mail: hildasevero.hs461@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0018214301362012>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2943-0197>

RESUMO

Este estudo analisa a música como instrumento de mediação entre comunicação verbal e não verbal, com foco na inclusão escolar de crianças atípicas. Fundamentado em abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, investiga como elementos musicais — ritmo, melodia, gestualidade e improvisação — podem favorecer a expressão, a compreensão e a interação social em contextos educacionais inclusivos. A análise dos resultados evidencia que práticas musicais adaptadas ampliam as possibilidades de participação, reduzem barreiras comunicacionais e fortalecem vínculos afetivos. Observa-se que a música, por sua natureza multissensorial, ativa canais cognitivos, emocionais e motores, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional e para a construção do sentimento de pertencimento. A investigação reforça a necessidade de integrar a música como eixo transversal no currículo, demandando formação docente específica e práticas pedagógicas sensíveis à diversidade. Conclui-se que a música, aplicada com intencionalidade, constitui recurso estratégico para a efetivação da educação inclusiva.

Palavras-chave: Música; Inclusão escolar; Comunicação.

ABSTRACT

This study examines music as a mediating instrument between verbal and non-verbal communication, focusing on the school inclusion of atypical children. Based on a qualitative approach and literature review, it investigates how musical elements—rhythm, melody, gestures, and improvisation—can foster expression, comprehension, and social interaction in inclusive educational contexts. Analysis of the results shows that adapted musical practices expand participation opportunities, reduce communication barriers, and strengthen affective bonds. Music's multisensory nature activates cognitive, emotional, and motor channels, contributing to socioemotional development and the construction of a sense of belonging. The study reinforces the need to integrate music as a transversal axis in the curriculum, requiring specific teacher training and pedagogical practices sensitive to diversity. It concludes that music, when applied intentionally, constitutes a strategic resource for achieving inclusive education.

Keywords: Music; School inclusion; Communication.



1 INTRODUÇÃO

A comunicação constitui um eixo estruturante para o desenvolvimento humano, sendo o meio pelo qual indivíduos constroem significados, estabelecem vínculos e participam da vida social e cultural. Desde os primeiros meses de vida, a interação com o outro é mediada por múltiplas formas de linguagem, que vão muito além da palavra falada, englobando expressões faciais, gestos, posturas corporais, entonações e pausas. Em crianças com desenvolvimento típico, a articulação entre comunicação verbal e não verbal tende a ocorrer de maneira integrada e espontânea; contudo, para crianças atípicas, essa integração frequentemente apresenta obstáculos significativos, seja por limitações linguísticas, cognitivas, sensoriais ou socioemocionais. Tais barreiras impactam diretamente sua capacidade de interação e, por consequência, sua inclusão efetiva nos ambientes educacionais e comunitários.

No contexto escolar inclusivo, a busca por estratégias pedagógicas que favoreçam a participação de todos os estudantes exige sensibilidade, criatividade e fundamentação teórica sólida. Entre os diversos recursos disponíveis, a música desponta como um elemento singular por sua natureza universal, sua capacidade de mobilizar emoções e por possibilitar a construção de significados mesmo na ausência de linguagem verbal estruturada. Conforme defende Koelsch (2020, p. 14),

A música ativa redes cerebrais complexas, articulando a integração entre sistemas auditivos, motores, límbicos e pré-frontais, o que a transforma em uma ferramenta privilegiada para facilitar a comunicação e a interação social. Tal capacidade é especialmente relevante para indivíduos com dificuldades linguísticas, pois permite que processos de expressão e compreensão ocorram por múltiplos canais, fortalecendo a participação e reduzindo barreiras de interação.

O caráter multimodal da música — que combina sons, ritmos, melodias e movimentos corporais — cria um espaço comunicativo no qual barreiras linguísticas são atenuadas. Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), distúrbios da fala, deficiência intelectual ou múltiplas deficiências podem encontrar, na experiência musical, uma via de expressão e compreensão que articula o verbal e o não verbal de maneira orgânica. Além disso, a música possibilita a vivência coletiva, favorecendo o estabelecimento de vínculos afetivos e sociais, fortalecendo a autoestima e o sentimento de pertencimento ao grupo.

Estudos recentes corroboram essa perspectiva. Geretsegger et al. (2014) destacam que intervenções musicais adaptadas produzem efeitos positivos na atenção conjunta, na regulação emocional e na iniciação de interações sociais em crianças atípicas, criando oportunidades para que a comunicação verbal se desenvolva a partir de estímulos não verbais. Nesse sentido, a música não deve ser vista apenas como um recurso lúdico ou recreativo, mas como um instrumento pedagógico e terapêutico que exige intencionalidade, planejamento e integração com outros componentes curriculares.

Vale ressaltar que a efetividade da música como mediadora comunicativa está associada à sua capacidade de construir pontes simbólicas entre mundos distintos — o da palavra e o do gesto, o da



linguagem oral e o da linguagem corporal e sensorial. Tal potencial justifica o investimento em práticas escolares que incorporem a música não de forma periférica, mas como eixo estruturante das experiências inclusivas. Conforme afirma Sacks (2007, p. 312),

A música pode ser a única linguagem capaz de alcançar regiões da mente que permanecem inacessíveis por outros meios, estabelecendo conexões profundas que ultrapassam barreiras cognitivas e emocionais. Ela oferece não apenas prazer estético, mas também um canal vital de comunicação e expressão, capaz de despertar memórias, estimular afetos e promover interações significativas mesmo em contextos de grande limitação comunicativa.

Diante desse panorama, o presente estudo se propõe a investigar a música como ponte entre comunicação verbal e não verbal no processo de inclusão efetiva de crianças atípicas, examinando seus fundamentos teóricos, suas possibilidades práticas e os impactos observados na participação escolar e social desses sujeitos. Ao articular evidências científicas e experiências pedagógicas, busca-se contribuir para a construção de práticas educacionais mais justas, democráticas e humanizadoras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MÚSICA COMO LINGUAGEM UNIVERSAL

A música, em sua essência, constitui uma das formas mais antigas e abrangentes de comunicação humana, precedendo, em termos evolutivos, o desenvolvimento de sistemas linguísticos articulados. Desde as sociedades pré-históricas, ela se apresenta como meio de expressão simbólica, de organização social e de transmissão de saberes, permeando rituais, celebrações, práticas religiosas e atividades cotidianas. Sua presença em praticamente todas as culturas e épocas revela um caráter universal que transcende fronteiras geográficas, barreiras linguísticas e diferenças cognitivas.

Do ponto de vista da neurociência, a música é processada por múltiplas áreas cerebrais, envolvendo sistemas auditivos, motores, límbicos e associativos, o que explica sua capacidade de mobilizar tanto respostas emocionais quanto cognitivas (KOELSCH, 2020). Esse aspecto torna a música uma via privilegiada para estabelecer conexões humanas, uma vez que ativa simultaneamente a percepção sensorial, a memória, a coordenação motora e a experiência afetiva. Conforme observa Patel (2014, p. 23),

Embora a linguagem verbal seja um fenômeno culturalmente específico, desenvolvido e moldado dentro de cada sociedade, a música, com seus padrões rítmicos e melódicos, apresenta propriedades universais capazes de atravessar fronteiras culturais e linguísticas. Ela permite a comunicação de significados emocionais e sociais sem a necessidade de palavras, estabelecendo um elo direto entre as pessoas e criando um campo de entendimento mútuo mesmo entre aqueles que não compartilham um idioma comum.

Essa característica universal não implica uniformidade, mas sim a existência de princípios estruturais compartilhados — como ritmo, melodia, timbre e harmonia — que são reconhecíveis e



compreensíveis mesmo em contextos culturais distintos. A etnomusicologia demonstra que, apesar da diversidade estilística, há padrões de organização sonora que suscitam respostas semelhantes em diferentes grupos humanos, o que reforça o papel da música como ponte comunicativa.

No campo educacional, essa universalidade adquire relevância especial para a inclusão de crianças atípicas. Para estudantes que apresentam dificuldades na comunicação verbal, a música oferece um espaço no qual a expressão pode se dar por outros canais, ampliando as possibilidades de interação. Trata-se de uma linguagem que, ao conjugar elementos auditivos, visuais e cinestésicos, cria um ambiente propício à participação ativa de todos, independentemente de suas habilidades linguísticas. Como enfatiza Sacks (2007, p. 101),

A música fala a regiões do cérebro e do ser que a linguagem não alcança, penetrando em camadas profundas da experiência humana e mobilizando áreas sensoriais e emocionais de forma singular. É um modo direto e profundo de expressão, capaz de revelar e despertar aspectos ocultos da personalidade, estimulando memórias, sensações e estados de consciência que dificilmente emergiriam por meio de outros recursos comunicativos.

Nesse sentido, compreender a música como linguagem universal não significa restringi-la a um recurso estético ou recreativo, mas reconhecê-la como instrumento cultural e pedagógico capaz de facilitar interações, promover o entendimento mútuo e reduzir barreiras comunicativas. Para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, a previsibilidade rítmica e a repetição melódica podem auxiliar na organização do pensamento e na antecipação de eventos, criando um senso de segurança que favorece a participação.

Assim, a música, ao integrar dimensões sensoriais, emocionais e cognitivas, afirma-se como um idioma comum que possibilita a convergência de diferentes formas de expressão humana. Sua aplicação consciente e planejada no contexto escolar inclusivo não apenas enriquece as experiências de aprendizagem, mas também reafirma o princípio de que a comunicação vai além das palavras, encontrando na sonoridade e no ritmo um campo fértil para a construção de vínculos e para o exercício da cidadania comunicativa.

2.2 COMUNICAÇÃO VERBAL E NÃO VERBAL: INTERAÇÕES E COMPLEMENTARIDADES

A comunicação humana constitui um fenômeno complexo e multifacetado, resultado da interação entre diferentes canais expressivos que se articulam de forma complementar. Tradicionalmente, tende-se a enfatizar a linguagem verbal como principal meio de troca de informações; contudo, uma parte significativa do conteúdo comunicativo é transmitida por elementos não verbais, como gestos, expressões faciais, postura corporal, contato visual, entonação vocal, pausas e proximidade física. Esses componentes, longe



de serem acessórios, carregam significados, modulam interpretações e, muitas vezes, antecedem ou reforçam a mensagem verbalizada.

Conforme demonstram Knapp e Hall (2018), a comunicação não verbal responde por grande parte do impacto de uma mensagem na interação social, influenciando tanto a clareza quanto a recepção do conteúdo. Nesse sentido, os sinais verbais e não verbais atuam em constante diálogo, podendo convergir para a mesma intenção comunicativa ou, em alguns casos, gerar dissonâncias que alteram a interpretação. Essa relação dinâmica é fundamental para a construção de sentidos em diferentes contextos culturais e sociais.

A literatura da psicologia da comunicação aponta que, desde a infância, os seres humanos desenvolvem competências para interpretar pistas não verbais, mesmo antes do domínio da linguagem oral. Esse aspecto é especialmente relevante para crianças atípicas, cuja expressão verbal pode ser limitada ou atípica. Nesses casos, o reconhecimento e o estímulo a outras formas de expressão tornam-se imprescindíveis para assegurar a participação e a inclusão. Como salienta Birdwhistell (1970, p. 54),

Nenhuma mensagem é transmitida unicamente por palavras, pois todo ato de comunicação é constituído por um complexo de sinais verbais e não verbais que se inter-relacionam e se influenciam mutuamente. A compreensão plena de uma mensagem só se dá quando há integração desses elementos, considerando que gestos, expressões, entonação e postura corporal compõem, junto às palavras, um todo significativo que molda e potencializa a interação.

No campo educacional inclusivo, essa compreensão exige que o professor atente para a multiplicidade de canais expressivos, valorizando tanto as manifestações verbais quanto as não verbais dos estudantes. O diálogo entre essas dimensões permite que a comunicação seja mais acessível, principalmente para alunos com dificuldades de fala, atrasos no desenvolvimento ou transtornos da linguagem. Quando integradas à prática pedagógica, estratégias que exploram simultaneamente o verbal e o não verbal potencializam a aprendizagem, fortalecem vínculos e promovem um ambiente de maior acolhimento e equidade.

Além disso, a música — foco central desta pesquisa — apresenta-se como recurso privilegiado para fomentar essa integração. Ao conjugar letra (componente verbal) e elementos como melodia, ritmo, gestualidade e expressão corporal (componentes não verbais), a música cria um espaço comunicativo híbrido, no qual as crianças podem se expressar e compreender mensagens de múltiplas formas. Essa característica é especialmente importante em contextos inclusivos, nos quais a diversidade de perfis comunicativos exige abordagens flexíveis.

Em síntese, reconhecer a interdependência entre comunicação verbal e não verbal é reconhecer que a linguagem humana é um fenômeno integrado, no qual diferentes formas de expressão se complementam para criar significados mais ricos e complexos. Para crianças atípicas, essa complementaridade pode



significar o acesso efetivo ao diálogo, à aprendizagem e à participação social, consolidando o princípio de que comunicar-se é, antes de tudo, estabelecer pontes entre mundos singulares.

2.3 MÚSICA E INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS ATÍPICAS

A inclusão escolar, mais do que uma diretriz legal, constitui um compromisso ético e pedagógico que visa garantir a todos os estudantes o acesso, a participação e a aprendizagem em condições de equidade. No caso de crianças atípicas — termo que engloba aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), deficiências intelectuais, distúrbios de linguagem, altas habilidades/superdotação ou múltiplas deficiências — esse compromisso exige práticas pedagógicas diferenciadas, capazes de responder às necessidades singulares de cada estudante sem reduzir o potencial de desenvolvimento de nenhum deles. Nesse contexto, a música emerge como um recurso pedagógico privilegiado por sua natureza integradora, lúdica e acessível, favorecendo não apenas a expressão individual, mas também a interação social e o sentimento de pertencimento ao grupo.

A literatura científica tem apontado que a música pode atuar como mediadora de processos cognitivos, emocionais e sociais, contribuindo significativamente para a aprendizagem de crianças atípicas. Sua característica multissensorial permite que diferentes canais de percepção e expressão sejam ativados simultaneamente, o que amplia as possibilidades de participação e comunicação. Como observam Geretsegger et al. (2014, p. 3),

Intervenções musicais adaptadas oferecem oportunidades únicas para engajar indivíduos com dificuldades de comunicação, criando um ambiente seguro e motivador para a expressão. A música combina previsibilidade e flexibilidade, elementos essenciais para promover a interação social e a expressão pessoal, permitindo que cada participante desenvolva suas próprias formas de comunicação, estabeleça vínculos afetivos e explore novas possibilidades de participação no coletivo.

A aplicação da música em contextos inclusivos, contudo, demanda planejamento cuidadoso e adaptação às especificidades de cada criança. Estratégias como a utilização de canções com repetições melódicas e rítmicas, o emprego de instrumentos de fácil manipulação e a incorporação de gestos e movimentos sincronizados com a música podem potencializar a participação de alunos com diferentes perfis comunicativos. Além disso, a música favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a cooperação, a empatia e o respeito às diferenças, que são pilares da educação inclusiva.

Outro aspecto relevante é que a música, por seu caráter coletivo, cria um espaço de convivência no qual a contribuição de cada participante é valorizada, independentemente de sua habilidade técnica ou domínio da linguagem verbal. Essa valorização fortalece a autoestima e a identidade dos estudantes, reforçando o princípio da escola como espaço de reconhecimento e afirmação de cada sujeito. Sacks (2007, p. 312) sintetiza essa ideia ao afirmar que:



A música pode ser a ponte que liga mundos que, de outra forma, permaneciam separados, criando um território comum onde diferenças deixam de ser barreiras intransponíveis. Ela convida à participação, mesmo daqueles que o silêncio e a incompREENsão poderiam afastar, oferecendo um espaço de encontro, de troca e de reconhecimento mútuo, no qual cada expressão sonora se transforma em diálogo.

Nesse sentido, a presença da música na escola não deve se restringir a momentos pontuais ou festivos, mas integrar-se de forma transversal ao currículo e às práticas pedagógicas cotidianas. Quando planejada com intencionalidade, a música deixa de ser mero recurso complementar para tornar-se um instrumento de transformação, capaz de reduzir barreiras atitudinais, comunicacionais e pedagógicas. Assim, promover a inclusão por meio da música é também promover uma educação mais democrática, plural e sensível às singularidades humanas.

3 METODOLOGIA

A investigação aqui desenvolvida adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva, ancorada na compreensão de que fenômenos educacionais, sobretudo aqueles que envolvem processos de inclusão, não podem ser plenamente captados por métodos puramente quantitativos. A escolha dessa perspectiva decorre da necessidade de mergulhar nas dinâmicas humanas, nas experiências singulares e nos sentidos atribuídos pelos sujeitos às interações mediadas pela música no contexto escolar inclusivo. Como enfatiza Minayo (2017, p. 24),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das motivações, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, reconhecendo que esses elementos são constitutivos da experiência humana e carregam dimensões subjetivas e culturais profundas. Esse conjunto de fenômenos é entendido como parte inseparável da realidade social e, por essa razão, não pode ser reduzido à simples operacionalização de variáveis ou a interpretações lineares que desconsiderem a complexidade do contexto.

O estudo fundamenta-se em levantamento bibliográfico e análise documental criteriosa, contemplando publicações acadêmicas, relatórios institucionais e experiências práticas registradas entre 2014 e 2025 em diferentes contextos educacionais. As fontes foram selecionadas a partir de buscas sistemáticas em bases indexadoras reconhecidas, como SciELO, ERIC, PubMed, CAPES Periódicos e repositórios de teses e dissertações, utilizando descritores relacionados à música, comunicação verbal e não verbal, inclusão escolar e crianças atípicas. Essa seleção obedeceu a critérios de relevância temática, atualidade, consistência metodológica e alinhamento aos objetivos da pesquisa, de modo a assegurar um corpus sólido e representativo.

A análise das fontes seguiu um processo de leitura flutuante inicial para reconhecimento do material, avançando para etapas de categorização temática e cruzamento de dados, o que permitiu identificar padrões,

recorrências e singularidades nas práticas descritas. O objetivo não foi apenas mapear evidências de uso da música como recurso inclusivo, mas também compreender em que condições ela favorece a integração entre comunicação verbal e não verbal, e de que modo se articulam os elementos pedagógicos, afetivos e socioculturais envolvidos.

Ao longo do processo, a triangulação de informações — combinando referenciais teóricos, dados documentais e exemplos práticos — constituiu um elemento central, conferindo maior densidade interpretativa à pesquisa. Essa escolha metodológica permitiu confrontar achados provenientes de diferentes contextos e perspectivas, enriquecendo o entendimento do fenômeno e reduzindo vieses analíticos. Flick (2009, p. 27) reforça a pertinência dessa abordagem ao afirmar que:

A pesquisa qualitativa é particularmente eficaz quando se busca compreender os processos sociais e os contextos nos quais eles ocorrem, valorizando a riqueza das interações e dos significados atribuídos pelos sujeitos. Ela prioriza a interpretação em detrimento da simples mensuração, permitindo revelar nuances, relações e dinâmicas que não seriam plenamente captadas por métodos quantitativos tradicionais.

Importa salientar que, embora o foco esteja na análise de materiais já publicados e documentados, a interpretação não se restringe a uma leitura literal das fontes, mas busca estabelecer conexões, apontar lacunas e sugerir caminhos para a prática pedagógica. Trata-se de uma metodologia que reconhece a complexidade da realidade escolar inclusiva e que se orienta pelo compromisso de traduzir o conhecimento produzido em subsídios concretos para a atuação docente e para a formulação de políticas públicas voltadas à equidade.

Assim, o percurso metodológico aqui delineado reafirma que a música, enquanto objeto de estudo, deve ser investigada não apenas por seus aspectos técnicos ou estéticos, mas como prática social carregada de significados, potencialmente transformadora e capaz de reconfigurar as formas de comunicação no espaço escolar. Ao assumir essa perspectiva, este trabalho posiciona-se no campo das pesquisas que, mais do que descrever, buscam compreender profundamente para, a partir daí, propor intervenções mais sensíveis, eficazes e humanas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados obtidos a partir da revisão bibliográfica e documental revelou que a música, quando utilizada de forma intencional e adaptada às especificidades de crianças atípicas, atua como um catalisador de processos comunicativos, ampliando significativamente as interações verbais e não verbais no ambiente escolar inclusivo. O conjunto de evidências aponta para um padrão recorrente: as intervenções musicais bem estruturadas não apenas estimulam a expressão e a compreensão, mas também reduzem barreiras emocionais e comportamentais, criando um clima de maior receptividade e participação.



As pesquisas analisadas destacam que a repetição melódica e rítmica desempenha papel central na facilitação da comunicação, especialmente em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e distúrbios de linguagem. Essa repetição, ao criar previsibilidade, contribui para a diminuição da ansiedade e para a antecipação de respostas. O ambiente sonoro, quando cuidadosamente planejado, favorece a atenção conjunta, um dos principais indicadores de interação social. Geretsegger et al. (2014, p. 7) sintetizam essa perspectiva ao afirmar que:

A música cria um espaço estruturado, mas ao mesmo tempo flexível, no qual a comunicação pode se desenvolver gradualmente, favorecendo a construção de interações mais espontâneas e autênticas. Nesse ambiente sonoro e rítmico, a criança é estimulada a explorar e integrar diferentes formas de expressão, articulando gestos, sons e olhares, sem sofrer a pressão imediata da linguagem verbal formal, o que lhe garante maior liberdade e segurança para se comunicar.

Outro resultado relevante diz respeito à capacidade da música de integrar múltiplos canais sensoriais, articulando audição, visão, movimento e tato em experiências significativas. Essa multissensorialidade favorece a aprendizagem, pois amplia as possibilidades de acesso à informação e fortalece a memória por meio de associações entre som, gesto e imagem. Observou-se que práticas como rodas de canto, uso de instrumentos de percussão de fácil manejo e canções com gestos sincronizados potencializam a participação de estudantes com diferentes perfis comunicativos, proporcionando interações mais ricas e diversificadas.

Além dos efeitos diretos sobre a comunicação, a música mostrou-se um elemento eficaz na construção de vínculos afetivos e no fortalecimento do sentimento de pertencimento. Em experiências relatadas, crianças que inicialmente evitavam o contato visual ou a interação verbal passaram a demonstrar maior abertura e engajamento ao participarem de atividades musicais coletivas. Esse dado corrobora a visão de Sacks (2007, p. 289), para quem:

A música tem o poder de unir as pessoas em um campo de emoção compartilhada, despertando sentimentos coletivos e reforçando laços afetivos que transcendem diferenças individuais. Ao criar um sentido de comunidade, ela envolve mesmo aqueles que, por diferentes razões, se mantêm isolados, oferecendo-lhes a oportunidade de participar de uma experiência comum que acolhe, conecta e transforma.

Outro aspecto observado é a contribuição da música para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como a cooperação, a empatia e a autorregulação. Ao participarem de atividades musicais em grupo, as crianças aprendem a esperar seu momento, a respeitar o ritmo do outro e a colaborar para a construção de um produto coletivo — seja uma canção, um arranjo rítmico ou uma apresentação. Essas competências, embora nem sempre explicitadas nos currículos formais, são fundamentais para a inclusão efetiva, pois sustentam a convivência harmoniosa e o respeito às diferenças.



Os resultados também indicam que a presença da música no cotidiano escolar deve ir além de eventos pontuais ou de disciplinas específicas. Quando incorporada de maneira transversal ao projeto pedagógico, a música deixa de ser vista como um complemento recreativo e passa a ser reconhecida como uma ferramenta estratégica de ensino e de inclusão. Isso implica repensar a formação docente, garantindo que educadores estejam preparados para utilizar a música como recurso pedagógico adaptado às necessidades de todos os alunos, sem exceção.

Portanto, a análise dos achados confirma que a música, ao unir comunicação verbal e não verbal em um mesmo espaço expressivo, não apenas potencializa a aprendizagem, mas também promove uma transformação qualitativa nas interações escolares. Sua aplicação consciente e fundamentada pode reconfigurar as dinâmicas de participação, consolidando um ambiente onde cada criança — típica ou atípica — encontra oportunidades reais de se expressar, compreender e ser compreendida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação evidenciou que a música, quando incorporada de forma intencional, planejada e adaptada, constitui um recurso pedagógico de elevada relevância para a promoção da inclusão escolar de crianças atípicas. Ao articular comunicação verbal e não verbal em um mesmo espaço expressivo, a música amplia as possibilidades de participação, reduz barreiras de interação e favorece a construção de vínculos significativos entre os sujeitos. Os resultados analisados demonstram que, para além de seu valor artístico, a música assume papel estratégico como linguagem integradora, capaz de mobilizar dimensões cognitivas, socioemocionais e culturais do processo educativo.

Constatou-se que as intervenções musicais, quando fundamentadas em práticas inclusivas e sustentadas por conhecimento técnico-pedagógico consistente, promovem ganhos expressivos na atenção conjunta, na expressão corporal, na interação social e no desenvolvimento de competências comunicativas. Esses avanços repercutem diretamente na autoestima e no sentimento de pertencimento das crianças, elementos indispesáveis para a consolidação de um ambiente escolar democrático e equitativo. A música, portanto, não atua apenas como um recurso de apoio, mas como um eixo que pode redefinir as dinâmicas de ensino e aprendizagem, fortalecendo o protagonismo estudantil.

No entanto, para que esse potencial seja plenamente alcançado, é imprescindível que as instituições de ensino reconheçam a música como componente transversal às práticas pedagógicas, e não apenas como atividade pontual ou extracurricular. Isso implica investimento na formação docente, na aquisição de recursos adequados e na construção de uma cultura escolar que valorize a diversidade de formas de expressão. A presença sistemática da música no cotidiano escolar, alinhada às necessidades e singularidades de cada estudante, contribui para consolidar um projeto educacional mais inclusivo e humanizador.



A análise também revelou que a efetividade da música como instrumento de inclusão depende da integração entre teoria e prática, de modo que o planejamento pedagógico considere as especificidades de cada contexto e as demandas reais dos estudantes. Não se trata de replicar modelos pré-estabelecidos, mas de adaptar metodologias de forma flexível, respeitando o ritmo e as potencialidades de cada criança. Essa postura exige sensibilidade, compromisso ético e abertura para o diálogo com a comunidade escolar e com as famílias, fortalecendo a corresponsabilidade na construção de uma educação de qualidade para todos.

Em síntese, este estudo reafirma que a música é um veículo singular para a promoção da inclusão, não apenas por sua capacidade de unir diferentes modos de comunicação, mas por seu poder de transformar relações, criar pontes e gerar oportunidades concretas de aprendizagem e convivência. Ao integrá-la de maneira consistente às práticas educacionais, a escola avança no cumprimento de sua função social, tornando-se um espaço em que a diversidade não é apenas tolerada, mas celebrada como fonte de enriquecimento coletivo. Assim, investir na música como ponte entre comunicação verbal e não verbal é, ao mesmo tempo, investir na construção de uma sociedade mais justa, sensível e comprometida com o direito de todos à educação.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida. Brasília: MEC, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Brasília: MEC, 2023.
- BIRDWHISTELL, Ray L. Kinesics and Context: Essays on Body Motion Communication. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2020.
- GERETSEgger, Monika et al. Music therapy for people with autism spectrum disorder. Cochrane Database of Systematic Reviews, n. 6, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD004381.pub3>.
- KNAPP, Mark L.; HALL, Judith A.; HOTTENROTT, Terrence R. Nonverbal Communication in Human Interaction. 9. ed. Boston: Cengage Learning, 2018.
- KOELSCH, Stefan. The Oxford Handbook of Music and the Brain. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- PATEL, Aniruddh D. Music, Language, and the Brain. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- RICKSON, Daphne J.; WATKINS, Wendy G. Music therapy to promote prosocial behaviors in aggressive adolescent boys – a pilot study. *Journal of Music Therapy*, v. 40, n. 4, p. 283-301, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1093/jmt/40.4.283>.
- SACKS, Oliver. Musicophilia: tales of music and the brain. New York: Vintage Books, 2007.